

Entre batuques e ritmos: sagrado e profano na Festa do Rosário de Catalão-GO

Cássio Ribeiro Manoel¹

Maria Helena de Paula²

Resumo: Este estudo propõe abordar como os louvores à Nossa Senhora do Rosário durante suas festividades, que acontecem no mês de outubro, na cidade Catalão-GO, corrobora as duas partes da Festa, a religiosa e a folclórica, nas quais os dançadores propagam sua devoção à Santa do Rosário, em uma inter-relação entre o sagrado e o profano (BRANDÃO, 1985). Os rituais sacros e os profanos são recorrentes no festejo, pois a imagem de Nossa Senhora e a Coroa saem do âmbito do sagrado e são levadas para a rua, sempre acompanhadas de batuques e cantigas, demonstrando como os louvores dos dançadores à sua padroeira apontam para uma sacralização e, ao mesmo tempo, a sua “profanação” durante os cortejos, amparados por uso particular de um vocabulário.

Palavras-chave: Congada. Sagrado. Profano. Vocabulário.

Introdução

A festa de Nossa Senhora do Rosário é palco fundamental da manifestação de cultura popular recorrente na cidade de Catalão-GO. Essa manifestação acontece na primeira quinzena do mês de outubro, quando a Congada sai às ruas nos dias ápices do festejo, quais sejam: a Alvorada, o Levantamento da Bandeira, o

-
- 1 Universidade Federal de Goiás – UFG. Regional Catalão. Mestrado em Estudos da Linguagem, Laboratório de Estudos do Léxico, Filologia e Sociolinguística-LALEFIL. Bolsista da FAPEG (Processo 201510267000799). Contato: cassim.ribeiro2@hotmail.com
 - 2 Universidade Federal de Goiás – UFG. Regional Catalão. Mestrado em Estudos da Linguagem, Laboratório de Estudos do Léxico, Filologia e Sociolinguística-LALEFIL. Bolsista da FAPEG (Processo 201510267000990). Contato: mhp.ufgcatalao@gmail.com

Domingo da Festa e a Entrega da Coroa, que caracteriza o fechamento das festividades à Senhora do Rosário.

Dentre os dias ápices da festa, momento em que a Congada entoa os seus louvores à Senhora do Rosário, a Alvorada é um desses momentos primordiais em que a Congada espera, ansiosamente, pelo início das festividades. Os demais dias, como o do Levantamento da Bandeira e o Domingo da Festa, são marcados por missas, cortejos, danças, procissões e louvores à santa padroeira. A Entrega da Coroa é marcada pelo encerramento da parte folclórica da festa e acontece quando a Congada a leva para o casal de festeiros do próximo ano iniciando, assim, o novo ciclo de preparação para a Festa do ano seguinte.

O surgimento dessa manifestação de cultura popular deu-se em meados de 1482, na África, onde o negro lutava contra o branco português para conquistar sua liberdade. De acordo com Ribeiro (2014), naquela época, o título de “Rei Congo” dado ao negro era de extrema importância e valor; no entanto, a ameaça do homem branco chegou ao ponto de fazer com que a comunidade africana cedesse à colonização e/ou à escravidão, não sem alguma luta e resistência, como muitas vezes nos passa a história, mas como eram mais fracos, acabaram não resistindo. Diante disso, e com a ocorrência do tráfico de negros para o Brasil nos chamados navios negreiros, a crença, o costume e a cultura negra passaram a constituir-se neste país e a constituir a cultura africana-brasileira nestas terras.

No Brasil, os navios negreiros se aportavam no Rio de Janeiro, Bahia, Maranhão e em Recife, onde foi inserida, primordialmente, essa cultura africana e também onde eram visíveis os rituais de capoeira e outras danças, a partir das quais acredita-se ter surgido o bailado da Congada que, por sua vez, representa a luta do negro pela liberdade, fazendo alusão à sua luta contra o branco na África. Dessa forma, a partir de Recife, abriram-se as portas para o negro entoar suas crenças em outros Estados do Brasil, como sinal de resistência, tendo em vista que havia, naquele momento, a prática da compra e venda de escravos para trabalhar em fazendas e minas.

Como a propagação da cultura dos negros chegou a todos os estados do país, Goiás também recebeu, em Catalão, advinda da cidade de Araxá, Minas Gerais, a Congada. Tudo começou por volta do ano de 1820, quando Catalão ainda era uma vila e a festa acontecia nas fazendas da região, com o intuito primeiro de um fazendeiro em fazer uma festa para que o negro comemorasse o bom êxito do seu trabalho (MACEDO, 2007). Diante disso, vê-se que a finalidade maior era que o negro festejasse santos cultuados pelos seus senhores, tais como São Benedito e a Senhora do Rosário, considerados os padroeiros dos negros, aos quais eles recorriam nas horas difíceis.

A festa em Catalão-GO originou-se com a ideia de um fazendeiro, Pedro Neto Carneiro Leão, da cidade de Araxá-MG, que se casou com D. Enriqueta

Cristina da Silveira e mudou para a região. Ao se mudar, ele fez uma promessa à Senhora do Rosário de que, se fosse bem-sucedido nestas terras, faria uma festa em sua homenagem. Tempos depois, descobriu que estava doente e passou a responsabilidade de cumprir a promessa ao filho, de apenas nove anos de idade. Augusto Neto Carneiro casou-se e quando iria realizar a promessa feita pelo pai, o vigário da cidade, Padre Joaquim Manoel de Sousa, não concordou com a realização da festa, alegando que ela era pagã, trancando o templo e levando consigo as chaves. Com o passar dos anos, o então coronel Augusto Neto Carneiro decidiu não mais acatar a decisão do padre e arrombou a porta do templo para fazer a festa; assim, com ele, começou uma das maiores festas do país em louvor a Nossa Senhora do Rosário de que se tem conhecimento no Brasil.

A festa do Rosário de Catalão, iniciada a partir dos fatos mencionados acima, é incontestavelmente motivada e amparada pela cultura africana, tendo em vista a participação dos negros da fazenda e suas tradições. Lá eles rezavam, cantavam, dançavam e celebravam a manifestação popular. Nesse contexto, vê-se que ela se encaixa nos dizeres de Brandão (1989, p. 13, grifos do autor) ao mencionar que:

[...] uma festa popular é a mistura, ao mesmo tempo espontânea e ordenada, de momentos de rezar, cantar, dançar, desfilar, ver, torcer, cantar. Enfim, de “festar”, palavra brasileira que deliciosa e sabidamente resume tudo o que se deve fazer em uma *festa popular*.

Após a breve exposição, ressaltamos que, neste trabalho, apresentaremos as interfaces do sagrado e do profano recorrentes durante a Festa do Rosário, que acontece, respectivamente, nos lugares sagrados (igreja) e na rua, que é considerada a extensão do sagrado durante a festa, mas é o local de excelência dos ritos profanos. A festa acontece na Igreja do Rosário e nos seus arredores, ou seja, no largo do Rosário³, considerado sua extensão, já que ela não comporta o número de fiéis e prestigiadores das festividades, tendo em vista que é nesse local que é realizada a maior parte dos atos sagrados da festa.

As interfaces do sagrado e do profano são mostradas não só pelos lugares que circundam a Igreja e dão sentido para a realização da festa, mas também pelas cantigas entoadas pela Congada: nelas, fica evidente a recorrência do sagrado e do profano e sua interdependência, uma vez que se imbricam e se definem um ao outro. As cantigas são uma das formas de manifestação de identidade da Congada e é por meio delas que os congadeiros expressam seus louvores à Senhora do Rosário. A propósito, é por meio das cantigas que procuraremos constituir um

3 Largo do Rosário – praça que fica em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, local de realização das missas durante a Festa.

breve *vocabulário*, inventariando e analisando algumas lexias, corroborando para demonstrar as interfaces do sagrado e do profano nesta Festa.

Diante disso, compreendemos que “nas manifestações rituais das classes pobres há uma conaturalidade entre os eventos e os seus participantes. Uma festa popular identifica-se com os festeiros e convidados: está neles, está entre eles” (BOSI, 1987). Sendo assim, a Festa do Rosário está na população que dela participa e entre ela, pois o momento de festejar a santa padroeira dos negros é de extrema importância para quem a devota. Além disso, com a evolução da Congada dentro dessa festa, podemos observar que a cultura e a linguagem encontram-se associadas.

1 O sagrado e o profano na festa

Ao vivenciarmos essa manifestação de cultura popular, notamos que a forma com que os participantes da festa louvam Nossa Senhora, por meio das cantigas e danças, leva-nos a compreender a busca pela perpetuação e propagação dos rituais passados dessa manifestação no seio da cidade de Catalão-GO. Essa percepção é possível porque vimos a necessidade que os festeiros têm de manter viva a tradição, já que, em consonância com Weil (1979, citado em BOSI, 1987, p. 23), “todo homem tem uma raiz pela sua participação numa coletividade que conserva vivos alguns tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro”.

Assim, o intuito da festa é rememorar os rituais que aconteceram nos primórdios dessa manifestação e buscar representá-los, de forma tradicional, nos dias de hoje. Nesse sentido, Chauí (1993, p. 73) explica:

eis por que, na maioria dos estudos sobre a arte popular, observa-se a presença de uma história, ou seja, a manifestação atual é resultado de transformações sucessivas que, muitas vezes, dificultam estabelecer o ponto de partida.

Sendo assim, uma vez podendo participar apenas do momento presente, é ao passado, à memória e à história que precisamos recorrer para tentar encontrar o ponto inicial e a partir dele dar continuidade à tradição.

No entanto, por causas das transformações, temos dificuldades de estabelecer ao certo quando tudo começou, isto é, o ponto de partida, já que sabemos que nada é como antigamente, pois, com o passar dos anos, os rituais vêm se modificando, tendo em vista a inserção do novo que se nota a cada ano, ainda que não saibamos delimitar claramente o antes, o anterior. No contexto de realização da festa, a presença dos dançadores e capitães dão à manifestação um traço do fluxo “moderno” e a tradição, infelizmente, sofre modificações ou fica a desejar, em

relação a como era antes, visto que o dançar, o “fazer bonito” para a população tornou-se mais importante que a própria louvação à santa padroeira.

A saber, a Festa do Rosário de Catalão-GO é dividida em duas partes, a religiosa e a folclórica. A parte religiosa acontece durante os dez dias de festa, quando são realizados terços e missas na Igreja e no Largo do Rosário, quando participam juntos brancos e negros, todos devotos à Santa. Brandão (1985, p. 88) lembra que, em Catalão, “Nossa Senhora do Rosário é uma santa branca, de uma igreja sob o controle de brancos. No entanto, é padroeira dos negros que, em seu nome, produzem uma festa”. A parte folclórica acontece nas ruas que circundam a Igreja, no Centro do Folclore e no Ranchão da Festa⁴.

A fé na Senhora do Rosário é determinante nessa manifestação, pois é nela que os devotos buscam auxílio e o fazem de diferentes formas, por exemplo, por meio de orações – tendo nas mãos o terço – ou através de pagamento de promessas. A Igreja e o Largo do Rosário são os lugares onde a devoção mais pode ser vista, é onde o sagrado e o profano se encontram e convivem. Como nos coloca Katrib (2009, p. 387),

[...] esse lugar do divertimento transporta os sujeitos à rememoração do passado, contemplando a grandiosidade de uma festa e de um espaço que se efetiva no prazer da alma juntamente com os prazeres da carne, uma vez que o sagrado e o profano mesclam-se na (re) construção do significado da festa na vida dos sujeitos.

Nesta perspectiva, o Largo do Rosário, considerado uma extensão da Igreja, torna-se o lugar onde ocorrem com mais evidência as interfaces do sagrado e do profano, pois ali acontecem missas, terços, orações e súplicas, mas também é o lugar onde os prazeres da carne são vistos ao término da parte religiosa. Quando terminam os louvores, o espaço em frente à Igreja se transforma em lugar de encontros, bebedeiras e prostituição, tudo feito debaixo do “olhar” da Santa.

Os rituais sagrados da festa podem ser vistos durante a reza dos terços na Igreja do Rosário – quando é feita uma novena em Louvor à Santa –, nas missas, nas procissões e em parte dos cortejos – quando são conduzidos “seres simbolicamente sagrados através de espaços profanos” (BRANDÃO, 1989). Assim, compreendemos que a rua, lugar onde acontecem os cortejos, é lugar de excelência dos rituais profanos, dos espetáculos da Congada.

Já o espetáculo, parte profana da festividade, é presenciado durante os cortejos, momento em que os símbolos de maior prestígio da festa (a imagem da

4 Ranchão da Festa – lugar onde acontecem os *shows* sertanejos e os leilões com intuito de arrecadarem fundos para ajudar nas despesas da festa.

Senhora do Rosário e a Coroa) são levados da Igreja Matriz de São Francisco de Assis até à Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Vale ressaltar que mesmo a rua sendo o lugar onde se realizam os rituais profanos, também é um lugar onde acontece o sagrado da festa, fazendo-nos a lembrança da tradição, pois os símbolos sagrados estão em trânsito naquele lugar. Outrossim, temos “a procissão pelas ruas do lugar consagrado com a imagem ou outros símbolos de representação do santo consagrador” (BRANDÃO, 1989), como se vê a seguir.



Figura 1 Imagem de Nossa Senhora do Rosário sendo retirada da Igreja e conduzida para rua, em procissão (2015).

Fonte: Arquivo Pessoal

Nesta primeira imagem, a imagem santa sai do espaço sacro para ganhar os espaços da rua, em procissão sagrada, aos olhares, pedidos e toques da população devota ou curiosa apenas. Ornada nas habituais cores azul, rosa e branca, a Santa precisa cumprir este ritual para a procissão que a consagrará como santa do povo.

Na imagem seguinte, Nossa Senhora do Rosário está em uma bandeira santa, carregada na rua pelos braços de bandeirinhas. Uma vez mais confirma-se como os santos nesta Festa ganham os espaços da rua para se firmarem como santos do povo e para o povo, uma vez que a devoção não se faz e não se estabelece, nesse caso, longe da rua. As bandeirinhas são, a um só tempo, a pureza sagrada e a possibilidade do não sagrado. Nas mãos das meninas dos ternos, a Santa estaria também tomada pela inocência e pureza delas. Por outro lado, ao ganhar as ruas, as possibilidades de profanação (não se reconhecerem como sagradas) se reco-

nhecem tanto nas meninas quanto na Santa. É como se a rua fosse o lugar em que a possibilidade de profanar deve ser considerada por ambas. Veja-se a imagem:



Figura 2 Terno Catupé Cacunda Nossa Senhora do Rosário (Catupé Branco) em apresentação na rua, na Entrega da Coroa (2015).

Fonte: Arquivo Pessoal

Como se pôde perceber, a rua é o espaço pleno das interfaces do sagrado e do profano, de forma que a Igreja, em alguns momentos, passa a ser considerada como espaço secundário desta relação, até então o *locus* máximo para o sagrado. Para Brandão (1989),

Apesar dos esforços da Igreja para separar uma parte propriamente *religiosa* das outras, *folclóricas* ou das francamente *profanas*, para o devoto popular o sentido da festa não é outra coisa senão a sucessão cerimonial de *todas* estas situações, dentro e fora do âmbito restrito dos ritos da Igreja (BRANDÃO, 1989, p. 37, com grifos do autor).

Nessa direção, compreendemos que para o devoto/ dançador dessa manifestação, o que importa é participar das duas partes que compõem o todo da Festa, isto é, dos momentos religiosos e dos folclóricos, que se interpenetram e conferem sentidos diversos às festividades de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Catalão-GO.

Após essa exposição acerca das interfaces do sagrado e do profano, apresentaremos discussões sobre as inter-relações entre língua(gem) e cultura nas congadas catalanas, a partir das cantigas entoadas durante a Festa do Rosário.

2 Das inter-relações entre a cultura e a língua nas Congadas

Com a finalidade de compreender as interfaces dessa tradição, tendo essa inter-relação entre sagrado e profano presente na Festa do Rosário de Catalão-GO, faremos um estudo acerca da língua em consonância com a cultura e, mediante esse estudo, organizamos um *vocabulário* de cantigas entoadas pela Congada, durante suas evoluções na Festa do Rosário.

Para o nosso estudo, propomos compreender a relação língua e cultura, consideradas elementos indissociáveis nesta perspectiva, uma vez que buscamos no linguajar da Congada, por meio de suas cantigas, compreender uma das formas pelas quais os dançadores expressam seus louvores à Santa, considerando que “a língua está se tornando um guia cada vez mais valioso no estudo científico de uma dada cultura” (SAPIR, 1969, p.19).

Entendemos, pois, que a língua é como um patrimônio pelo seu caráter social e permanece como memória porque está amparada em estruturas gramaticais e lexicais, construídas por meio da memória coletiva de um povo. Assim coloca Sapir (1969, p. 45):

O léxico da língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes. O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade como o complexo inventário de todas as idéias, intêresses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade.

Assim, a cultura e a língua estão em constante estado de interação, pois “a língua é um sistema de signos que exprime ideias” (SAUSSURE, 2012, p. 46), é também parte integrante da cultura e a forma pela qual conhecemos a cultura de uma dada comunidade. Diante disso, reconhecemos que o léxico é um caracterizador de uma dada cultura e “constitui uma forma de registrar e armazenar o conhecimento do universo [...] vem a ser a medida de tudo, pois exprime e reflete o universo cultural da sociedade” (BIDERMAN, 2002, p. 85).

Seguindo as palavras da autora, compreendemos que o léxico reflete, também, o universo cultural da comunidade congadeira e é nesse sentido que possui um *vocabulário* que lhe é peculiar, para referenciar-se como manifestação cultural particular e, também, coletiva, como as interfaces do sagrado e do profano, recorrentes na Festa do Rosário.

É válido lembrar que as formas com que os dançadores festejam a Senhora do Rosário na cidade de Catalão-GO são por meio de suas cantigas, danças e pelo colorido de suas fardas, dando sentidos aos festejos da santa padroeira, os quais se registram na peculiaridade vocabular. Conforme Zavaglia (2012, p. 233):

É o léxico, em forma de palavras e por meio da linguagem, que “conta” a história milenar de povo para povo; é o léxico que transmite os elementos culturais de um conjunto de indivíduos [...]; é o léxico que permite a manifestação dos sentimentos humanos, de suas afeições ou desgostos via oral ou via escrita. É o léxico que registra o desencadear das ações de uma sociedade, suas mudanças, seu progresso ou regresso.

Dessa forma, o léxico é o patrimônio vocabular de uma dada população, permitindo a manifestação dos sentimentos humanos, dos seus costumes e crenças. É o que acontece por meio dos louvores referidos à Senhora do Rosário, em que os dançadores/devotos expressam sua devoção, mostrando a interdependência do sagrado e do profano para constituir essa manifestação de cultura popular. Por isso, quando propomos apresentar o que julgamos ser o léxico peculiar dos festejos acreditamos que “o vocabulário exerce um papel crucial na veiculação do significado, que é, afinal de contas, o objeto da comunicação linguística” (BIDERMAN, 1996, p. 27).

Para uma demonstração da particularidade de uso deste léxico, baseamos-nos em cantigas entoadas pela Congada no ano de 2015, em que estão demonstradas as interfaces do sagrado e do profano. No seio da Congada, há cantigas que expressam a devoção à Senhora do Rosário e fazem parte do sagrado da festa, como:

*Ó, Senhora do Rusário,
Hoje eu canto em seu louvô,
Eu quero sua bença,
Oh mãe querida,
Pra ganha o seu amô!*

*Lá no alto de São Benedito,
Onde o sol e a lua lumeia,
Lá no céu tem um cruzeiro,
Onde Nossa Senhora passeia.*

É notório que estas cantigas mostram o sentido dos louvores feitos pelos dançadores/devotos à Santa como forma de pedir a proteção do sagrado para suas vidas; tais cantigas são parte da religiosidade do festejo.

Por outro lado, há cantigas que demonstram os louvores por meio de paráfrases de músicas como “É pra cabá” de autoria dos cantores João Carreiro e Capataz, entoada pelo Catupé Amarelo, e da música “Ciranda, Cirandinha”, que faz parte das cantigas populares do Brasil e foi entoada por um terno de Congo

durante a cerimônia de Entrega da Coroa. Elas fazem parte do que se poderia considerar profano da festa e da evolução da congada feita na rua, lembrando que esse é um lugar de recorrências das interfaces do sagrado e do profano.

*Vai balançá o Estadão de Goiás
Meu Catupé vai tremê Catalão,
Eu vim aqui, louvá Nossa Senhora
Mamãe querida tá no meu coração.*

*Ciranda, cirandinha
Vamos todos cirandar
Vamos dar a meia volta,
volta e meia vamos dar,*

*Olha que festa boa, é de admirar
Aí, festeiro novo
sua Coroa vai chegar.*

As cantigas supracitadas fazem parte do repertório de cantigas da Congada de Catalão-GO e demonstram as interfaces do sagrado e do profano. Por acreditar que aos não participantes dos festejos ou aos não conhecedores desta tradição secular goiana seja difícil compreender algumas palavras presentes nas cantigas dos ternos, apresentamos rapidamente uma demonstração de algumas palavras e seus sentidos.

Algumas palavras apontam para as interfaces do sagrado-profano nas Congadas de Catalão-GO, como “balança”, forma pela qual os dançadores dançam diante da santa, sejam eles de quaisquer ternos, dentre os quais o “catupé”, ou “catupé cacunda”, que significa catucar a cacunda com o pé.

Se a “Coroa”, o símbolo de maior prestígio dentro da Congada, sem a qual a festa não acontece, torna-se imprescindível à “Festa do Rosário”, esta festividade que acontece durante a primeira quinzena do mês de outubro na cidade de Catalão-GO, o “festeiro” é a pessoa que tem a responsabilidade de organizar a festa durante o ano para o qual ele foi escolhido, nas festividades e devoções à “Nossa Senhora do Rosário”, santa festejada pela Congada de Catalão, padroeira dos negros, que tem sua imagem pintada na bandeira, e ao “São Benedito”, santo cultuado pela Congada, considerado o santo cozinheiro e protetor dos Catupés.

Conclusão

A Congada de Catalão-GO é um campo rico e amplo de estudos e, por isso, este trabalho teve a finalidade de abarcar rapidamente uma interface do sagrado

e do profano na Festa do Rosário, em cantigas entoadas à Santa padroeira do negro. As cantigas são, a um só tempo, uma forma de expressão religiosa e folclórica das Congadas de Catalão.

A festa do Rosário é um momento de ruptura do cotidiano e, ao mesmo tempo, a instauração do sempre mesmo e novo, pois os participantes aguardam ansiosos pelo início de mais uma festa, para a qual se preparam o ano todo com a finalidade de que, ao iniciar a manifestação cultural, esteja tudo pronto no seio familiar para expressar sua devoção. Todos os anos a festa traz vários sentidos às vidas e às histórias do povo que busca revivê-la para entrar em sintonia com o sagrado, seja nos redutos do sagrado (o interior da Igreja, altares, cortejo em procissão), seja na fugacidade e nas permanências do profano, em um contínuo que dilui barreiras e limites entre si.

Referências

- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Léxico e vocabulário fundamental*. Alfa. Vol. 40. São Paulo, 1996, p. 27-46.
- _____. Análise de dois dicionários gerais do português contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. *Filologia linguística portuguesa*. São Paulo: n. 5, p. 85-116, 2002.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A festa do Santo de Preto*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore; Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1985.
- _____. *A cultura na rua*. Campinas, São Paulo: Papyrus Editora, 1989.
- BOSI, Ecléa. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo. *Cultura Brasileira – Temas e situações*. São Paulo: Editora Ática, 1987. p. 16-41.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. *Foi assim que me contaram: recriação dos sentidos do sagrado e do profano do Congado na Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário (Catalão-GO – 1940-2003)*. 2009. 248 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2009.
- MACEDO, Robson Antônio. *Congada de Catalão*. Goiânia: Talento Gráfica e Editora Ltda, 2007.

- RIBEIRO, Reginaldo. O Congado e a fé na santa do Rosário. **O Congado**, Catalão, 6. ed., p. 8-9, out/2014.
- SAPIR, Edward. **Linguística como Ciência**. Rio de Janeiro: livraria Acadêmica, 1969.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- ZAVAGLIA, Claudia. Metodologia em Ciências da Linguagem: Lexicografia. In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS; Marcos Lúcio de Sousa (Org.). **Ciências da Linguagem: O fazer científico**. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 231-264.